

A VIVÊNCIA DO LUTO NO HOMEM

Luana Iara de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Lucia Cecília da Silva
(Orientadora), e-mail: lcsilva2@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia Social: Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo.

Palavras-chave: Enlutamento, Gênero, Fenomenologia.

Resumo:

O objetivo deste estudo foi investigar como o luto é vivenciado pelo gênero masculino. De cunho bibliográfico e qualitativo, a pesquisa foi desenvolvida mediante uma metodologia fenomenológica, tendo como propósito descrever e elaborar uma interpretação do fenômeno do luto masculino a partir da percepção do próprio enlutado. O material de análise foram três livros autobiográficos, cujos autores relatam a própria experiência da perda de entes queridos próximos. Para a análise foram seguidos os seguintes passos: 1) leitura dos livros para a apreensão geral das experiências relatadas; 2) leituras atentas com o objetivo de identificar os diferentes aspectos da experiência trazida; 3) categorização dos diversos aspectos da experiência em unidades de significado que expressem divergências e convergências entre as experiências dos autores; 4) elaboração de uma síntese que sirva como descrição geral do fenômeno investigado. O resultado da análise chegou à sete unidades de significados: a incredulidade ante a morte; a dor de viver sem o outro e a perda do futuro com ele; refazendo a identidade; vivendo de lembranças; o preenchimento do vazio; a espessura do tempo; o luto não se desgasta. Apesar das semelhanças encontradas nas narrativas, salienta-se que o luto é uma experiência singular e cada autor estudado buscou formas diferenciadas para passar por ela. Acredita-se que os resultados do estudo poderão estimular outras pesquisas sobre o luto masculino, tema ainda pouco explorado pela literatura especializada.

Introdução

O luto é um processo normal e esperado de elaboração psíquica e enfrentamento de perdas significativas, que implica a transformação e resignificação da relação com a pessoa que foi perdida, não sendo um processo linear, o qual não tem data para terminar, podendo durar meses ou anos, ou mesmo nunca acabar. E isso está relacionado às características

individuais da personalidade, e do nível e intensidade da relação que se manteve com o falecido (MAZORRA, 2009). Uma das teorias mais atuais sobre o luto é a denominada Modelo Dual do Luto, proposta por Stroebe e Schut, os quais consideram o processo de luto um movimento oscilatório, em que ora a pessoa está voltada para a perda, ora está voltada para a restauração da perda. Segundo Mariano (2015), o enfrentamento orientado para a perda se concentra nos aspectos relacionados a pessoa falecida: laços afetivos, aceitação da realidade da perda, necessidade de falar sobre o ente querido morto, de ver fotografias. Por outro lado, o enfrentamento orientado para a restauração a pessoa se move em direção às situações do cotidiano da vida, as quais ela precisa lidar, tais como assumir tarefas que eram realizadas pelo ente que morreu, mudanças quanto à reorganização da vida, fazer coisas novas, enfim, retomar as tarefas do dia a dia e assumir novas atividades e novos papéis.

Constata-se que a produção científica sobre o luto é escassa sobre o luto masculino. Frente a essa lacuna, o estudo proposto teve por objetivo investigar como o luto é vivenciado pelo gênero masculino, a partir de obras literárias. A escolha das obras literárias se deve ao fato das percepções e dos sentimentos serem expressos de forma mais livre. Foram analisadas três obras: *O brilho do Bronze*, de Boris Fausto, publicado em 2014; *Diga o nome dela*, de Francisco Goldman, de 2014 e *Diário de Luto*, do autor Roland Barthes, de 2011. Os dois primeiros autores perderam as respectivas esposas e o último, a mãe. A escolha dessas publicações foi em virtude de os autores terem perdido seus entes queridos, e logo após, relataram nos livros como viveram com isso. Buscou-se nos relatos de cada autor como se deu o processo de luto, os aspectos por eles assinalados, e a partir disso, elaborou-se uma compreensão geral do que foi vivenciado.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. A pesquisa pode ser considerada descritiva, visto que tem como propósito descrever determinado fenômeno, sendo este o luto no gênero masculino. Foi utilizado o método fenomenológico, o qual propõe descrever o fenômeno tal como ele se manifesta na experiência dos sujeitos. As experiências em torno no luto foram retiradas de três livros escolhidos para tal: 1) *O Brilho do Bronze [um diário]*, de Boris Fausto (2014), no qual o historiador brasileiro relata seu processo de luto pela morte de sua esposa, com quem foi casado por mais de 40 anos. O livro se inicia com o registro de 17 de julho de 2010, um mês após a perda sofrida, e se estende por quase quatro anos. 2) *Diário de Luto*, de Roland Barthes (2011), onde o escritor e filósofo francês reúne 330 fichas, nas quais registrou seus sentimentos e impressões com relação à morte de sua mãe, que faleceu aos 84 anos. Os registros são de dois anos, datados de outubro de 1977 a setembro de 1979. 3) *Diga o nome dela*, de Francisco Goldman (2014), no qual o escritor e professor norte-americano relata seus sentimentos de pesar após a morte trágica de sua esposa. Durante uma viagem em que comemoravam o segundo aniversário

de casamento, ela teve o pescoço fraturado num acidente no mar e foi tragada pelas ondas.

A análise foi realizada em quatro etapas: na primeira foi realizada a leitura dos livros para a apreensão geral da experiência relatada. Posteriormente, foram feitas leituras atentas com o objetivo de identificar os diferentes aspectos da experiência trazida. Na terceira etapa foi feita a categorização dos diversos aspectos das experiências encontradas em unidades de significado. Por fim, elaborou-se uma síntese descritiva do fenômeno investigado.

Resultados e Discussão

Como resultado da análise chegou-se a sete unidades de significados que revelam como os homens, autores dos livros analisados, vivenciaram seus lutos. A seguir aponta-se as características de cada uma, ilustrando-as com relatos dos autores. 1) **A incredulidade ante a morte**: se caracteriza pela dificuldade de imaginar o ente querido sem vida, o enlutado tem a esperança de que está vivendo um pesadelo e a esperança do encontro com a pessoa falecida, como expressa Fausto (2014, p. 31): “Posso às vezes imaginar um reencontro com Cynira, nós dois como duas luzinhas no infinito, pondo a conversa em dia”. 2) **A dor de viver sem o outro e a perda do futuro com ele**: sofre-se a perda da relação que se teve com o morto e a falta que ele fará para o futuro do enlutado: “Primeira manhã de domingo sem ela. Sinto o ciclo dos dias da semana. Enfrento a longa série dos tempos sem ela” (BARTHES, 2011, p. 37). 3) **Refazendo a identidade**: ao se perder a relação com a pessoa amada, perde-se com ela certos papéis e funções que o enlutado desempenhava quando o ente querido ainda estava vivo, tal como expressa Goldman (2014, p. 52): “Não era mais um marido. Não era mais aquele homem que vai a peixaria comprar o jantar para o casal. Em menos de um ano, eu era *não mais um marido* por mais tempo do que havia sido um marido.” 4) **Vivendo de lembranças**: há uma tentativa em manter o morto vivo na memória, ao mesmo tempo há o medo de esquecê-lo: “Por vezes, muito breve, um momento branco – como que de insensibilidade – que não é um momento de esquecimento. Isso me assusta.” (BARTHES, 2011, p. 26). 5) **O preenchimento do vazio**, que caracteriza a difícil tarefa de habituar-se com a solidão e ainda assim, agir, trabalhar, se ocupar: “Dolorosamente, desperto vendo o travesseiro a meu lado, vazio. Nada daquela montanha de beijos, daqueles votos de vivermos juntos por muitos e muitos anos.” (FAUSTO, 2014, p. 63). 6) **A espessura do tempo**: o tempo não acalma o luto mas sua emotividade. “Passado mais de um ano e meio fico triste ao me sentar à mesa sozinho a olhar para a porta pivotante entreaberta, por onde ela nunca mais passará” (FAUSTO, 2014, p. 90). 7) **O luto não se desgasta**: não há uma superação da perda, uma recuperação, conforme os teóricos do assunto geralmente afirmam. “Não suprimir o luto (a dor) (ideia estúpida do tempo que abolirá), mas mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo passar de um estado estático (estase,

entupimento, recorrências repetitivas do idêntico) a um estado fluido”. (BARTHES, 2011, p. 139)

Conclusões

O luto não segue uma linearidade, com etapas que possam ser claramente definidas. Os sentimentos e as emoções se mesclam e se substituem, independente do tempo em que se perdeu o ente querido. Não há, propriamente, uma superação da perda. Entretanto, ocorre uma ressignificação da relação, o ente querido morto passa a ser uma presença ausente na vivência de quem fica. Outro aspecto que a pesquisa trouxe é que apesar das semelhanças encontradas nas narrativas analisadas, o luto é uma experiência singular e atravessa todos os aspectos da vida do enlutado.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à UEM pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, o que me oportunizou melhores condições de acesso a conhecimentos que me permitiram desenvolver e aprimorar este estudo.

Referências

BARTHES, R. **Diário de luto**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FAUSTO, B. **O Brilho do Bronze**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GOLDMAN, F. **Diga o nome dela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MARIANO, R. **Conversando sobre o luto 2 – O Modelo do Processo Dual do Luto**. Disponível em: <https://umavisaobiopsicossocialdoluto.wordpress.com/2015/07/07/15/>. Acesso em: 08 de novembro de 2016.

MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.